

QUINTA DO PAÇO DE VALVERDE

Margarida Elias

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa



Antigo Paço Episcopal, fot. de Maria Ramalho, 2017, in *Património Cultural* [<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>], consultada a 19/7/2017.

INTRODUÇÃO

A Quinta do Paço de Valverde localiza-se a 12 km de Évora e corresponde a um complexo arquitectónico cuja cronologia se situa, genericamente, entre os séculos XVI e XVIII.

Podemos dividir este complexo em dois conjuntos principais: o antigo Paço Episcopal (Núcleo Pátio Matos Rosa) e o Convento de Bom Jesus. A esses conjuntos acrescentam-se outras construções mais isoladas que correspondem ao núcleo das Capelas, à Casa da Água e ao Aqueduto, para além das fontes, tanques e lagos. O Convento é aquele que tem sido objecto de maior atenção historiográfica, visto que nele se inserem uma igreja e um claustro renascentistas classificados como Imóveis de Interesse Público desde 5 de Julho de 1962¹. A Quinta está integrada numa Zona Especial de Protecção desde 26 de Janeiro de 2010².

¹ Dec.º 44 452, *Diário do Governo*, 1.ª Série, n.º 152.

² Portaria n.º 79/2010 *Diário da República*, 2.ª série, n.º 17.

PAÇO EPISCOPAL (Núcleo Pátio Matos Rosa)

O Paço Episcopal (ou Passal) foi construído por iniciativa da diocese eborense (Mitra de Évora), para servir de local de «descanso e retiro espiritual da câmara eclesiástica» (Cabral, 1988, 16). É provável que a sua fundação se deva ao Bispo D. Afonso de Portugal (1440-1522), bispo de Évora desde 1485, pois um dos edifícios da Quinta, a Casa da Água, teve uma tabela com a data de 1514.

A construção do Paço foi continuada nos anos seguintes, estando ainda a decorrer em 1538, no tempo do Cardeal D. Afonso (1509-1540), irmão de D. João III (cf. Cabral, 1988, 17-18). Este bispo foi sucedido pelo seu irmão, o Cardeal D. Henrique (1512-1580)³, cuja personalidade deve ser aqui destacada, visto que foi ele quem mandou construir o Convento de Valverde, contíguo ao Passal. D. Henrique foi o primeiro arcebispo de Évora (1540-1564 e 1575-1578), regente (1562-1568) e rei de Portugal (1578-1580).

Ao longo dos séculos seguintes, sobretudo desde o final do século XVII, houve alterações nas edificações existentes e fizeram-se novas construções, motivo pelo qual o edificado hoje existente é resultante de várias etapas construtivas.

Dos vestígios que subsistem do século XVI, chama-se desde logo a atenção para o portal manuelino que dá entrada para o pátio Matos Rosa: «uma grade de tijolo branqueada a cal, recortada em círculos tangentes e entremeada de pináculos cónicos» (Proença, 1927, 84).

Dentro do Pátio, encontramos a Capela Palatina cuja entrada se faz pela fachada norte, através de um portal manuelino. Este apresenta um lintel com arco trilobado de verga encordoada e uma flor relevada em cada um dos arcos. No interior da capela, que tem uma só nave, salienta-se a capela-mor sobrepujada de abóbada de cruzaria ogival. Num dos bocetes do tecto está esculpida a Cruz de Malta, alusiva a S. João Baptista, padroeiro da Ordem de S. João de Jerusalém (Espanca, 1957, 134-135).

Na sequência da Capela, formando um L, está a fachada principal do Paço Episcopal, que tem do seu lado esquerdo uma porta ogival que devia ser uma das entradas para as chamadas “Casas Pintadas”, que assim se chamavam por terem pinturas murais (cf. Leite, Oliveira, 2007-2011). A entrada para o Paço foi enobrecida no século XVIII com

³ Acerca de D. Henrique, cf. Polónia, 2005.

a construção de uma galilé abobadada, composta por arcos de volta perfeita suportados por pilares de granito. É uma obra da iniciativa de D. Domingos de Gusmão, cunhado do rei D. João IV e arcebispo de Évora entre 1678 e 1689 (Cabral, 1988, 14). A porta principal do Paço, no interior da galilé, é encimada por uma pintura com as armas capitulares.

Situada a nascente da entrada para o Pátio está a Casa Sardinha de Oliveira que poderá datar do século XVIII, pelo menos na sua fundação. Num Códice de 1736⁴, descreve-se uma casa nesta localização como sendo «um novo e moderno quarto obra do (...) Arcebispo D. Frei Domingos de Gusmão para o qual se sobe por uma espaçosa escada e compoem-se ele de quatro salas com janelas rasgadas para o pátio» (Rosa (1), 1965, 23). O mesmo texto refere que o edifício tinha duas varandas, sendo talvez uma delas a que hoje apresenta colunas sobrepujadas por capitéis com motivos naturalistas do século XVI, possivelmente adaptados ao local (Espanca, 1957, 134; 1966, 347).

A outra varanda dava acesso a um «passadiço» por onde se subia a «um grande e formoso lago de forma redonda e fortíssimas paredes que tem de circuito cento e vinte passos» (Rosa (1), 1965, 23). Este é o Lago dos Cardeais (integrado no chamado Jardim de Jericó), que será igualmente da iniciativa de D. Domingos de Gusmão. A obra decorativa deve ser posterior a 1736, nomeadamente a estátua de Moisés que está ao centro do lago. Em 1736, no meio desse lago, encontrava-se uma «coluna cercada de quatro sátiros e de mármore e faz de fonte de quatro bicos» (Rosa (1), 1965, 23)⁵. Essa coluna foi depois inserida no centro de um tanque contíguo ao Lago que já teve «elementos conchóides, pedrinhas policromadas e faianças populares, tanto do gosto de setecentos» (Espanca, 1957, 134) – mas que hoje está sem decoração.

No interior da Quinta, a norte do Paço, situa-se a *Casa da Água* ou *de Fresco*, construção quinhentista que se liga ao aqueduto. É um edifício de «planta rectangular, protegido por gigantes de cantaria». No seu terraço existe «uma torrinha circular fechada em capacete piramidal, de alvenaria». Encontram-se bancos de repouso e «na parede a este, fica a abertura por onde correm os engenhos» (Espanca, 1957, 137). No murete-balcão existiu uma tabela com vestígios da data de 1514 (Espanca, 1966, 350).

⁴ *Notícia da Freguesia de Tourega, termo de Évora, seu Distrito, e de tudo o mais que nele se contém*, Códice n.º 71, peça 3 dos Manuscritos da Biblioteca de Manisola, 1736 (Biblioteca Pública e Arquivo Districtal de Évora), transcrito in Rosa (1), 1965.

⁵ Essa coluna será a que está salvaguardada no claustro do Conventinho de Bom Jesus e terá sido retirada do Lago para ser substituída pela estátua de Moisés (em data incerta, posterior a 1736).

O «interior está coberto por abóbada de cruzaria polinervada, de ogivas, (...) do tipo manuelino» (Espanca, 1957, 137).

Junto da Casa da Água ficam o aqueduto e um tanque que recebia «as águas para distribuição geral das regas» (Espanca, 1957, 137). O aqueduto, situado a nascente e atravessando parte da Quinta, é composto por arcadas de alvenaria e pedra aparelhada. Abastecia de água potável a residência do Paço, sendo obra da segunda metade do século XVII, iniciativa de D. Domingos de Gusmão, de quem ostenta, no corpo principal, a pedra de armas (cf. Espanca, 1957, 134; Cabral, 1988, 14).

O CONVENTO DO BOM JESUS DA MITRA (Conventinho)



Convento de Bom Jesus de Valverde, fot. de Margarida Elias, 2017.

O Convento do Bom Jesus da Mitra, da Ordem franciscana da estrita observância (Capuchos), foi mandado construir pelo Cardeal D. Henrique, na Quinta de Valverde, a ocidente do Passal. Embora seja incerta a cronologia da sua construção, sabe-se que os primeiros doze monges entraram para o Convento no ano de 1544 (Fonseca, 1728, 359). A primeira fase da conclusão das obras será de cerca de 1550, tendo sido ampliado e melhorado na segunda metade do século XVI (Matos, 2006, 286) e nos séculos seguintes.

Do exterior vemos um edifício com paredes caiadas e fachada assimétrica, o que foi acentuado em 1706, com construção da hospedaria do lado esquerdo da entrada. Essa hospedaria tem no piso térreo dois arcos, que dão para um vão com arcada cega. Nesses

arcos encontra-se uma lápide brasonada que diz: *ESTA OBRA MANDOU FAZ/ER O ILUSTRÍSSIMO SOR D. /SIMÃO DA GAMA [1642-1715] ARCE/BISPO DE EVORA COMSEL/HEIRO D ESTADO E GUERRA / DE SUA MAG^{de} QUE DEOS G^{de} / ANO DE 1706* (Espanca, 1957, 135).

A portaria do convento é antecedida por um alpendre com cinco arcos moldurados sobre colunas dóricas em mármore, datado do século XVI. Por baixo do alpendre, deparamos com duas portas encimadas por frontões barrocos em estuque (possivelmente do século XVIII), sendo que a da esquerda, que dá entrada directa para a capela, ostenta uma imagem *Sagrado Coração de Jesus*, e a da direita, que vai dar à portaria, apresenta o *Bom Jesus Salvador do Mundo* (Espanca, 1957, 135).

No interior da portaria, do lado direito, está um longo banco de alvenaria forrado por azulejos quinhentistas de corda seca (cf. Cabral, 1988, 13; Matos, 2006, 286). Fica depois o claustro, em torno do qual se distribuem as dependências conventuais.

No andar térreo ficava o «espaçoso refeitório», a cozinha e a sala do capítulo, situando-se do lado esquerdo, de quem entra, a igreja. Uma escada que parte da ante sacristia permite o acesso ao andar de cima, onde ficavam os dormitórios - compostos por 14 celas. Esses dormitórios são acessíveis através de três corredores que comunicam com o andar superior do claustro. Todas as salas, de ambos os pisos, são «fechadas com fortes abóbadas» (Rosa (1), 1965, 25). No fecho de uma das abóbadas, do piso inferior está pintada uma cruz pátea (similar à da Ordem de Cristo). Subsistem algumas pinturas parietais, talvez do século XVIII, uma das quais, no andar de baixo, encimando a porta de entrada para uma sala e figurando as armas da Ordem Terceira de São Francisco.

A igreja, com reduzidas dimensões, tem grande valor artístico, histórico e patrimonial. Segundo a tradição, logo em 1583, quando Filipe II visitou o Convento, este «lhe contentou tanto que levou consigo o desenho» (Segurado, 1970, 354).

Tem planta de cruz grega composta por cinco octógonos. Num dos octógonos fica a entrada, nos outros três, ficam as capelas. Cada um dos octógonos é sobrepujado por uma cúpula, sendo mais alta a que fica no centro. As trinta e duas colunas que suportam as cúpulas têm capitéis de moldes coríntios com os «cálatos desornamentados» (Segurado, 1970, 356).

A questão da autoria do convento, sobretudo da igreja, tem gerado alguma polémica. Entre as diversas hipóteses levantadas, destacam-se sobretudo Manuel Pires (1510?-1570?) e Miguel de Arruda (f. 1563).

A igreja estaria concluída em 1544, data dos três painéis de Gregório Lopes (1490?-1550), que ornamentavam as capelas. Estes painéis, que figuram episódios da vida de Jesus, *Adoração dos Pastores* (lado da Epístola), *Calvário* (altar-mor) e *Ressurreição* (lado do Evangelho), estão no Museu de Évora desde 1929.

De cada lado da capela-mor está uma porta, «de madeira esculpura e policroma» (Espanca, 1957, 136), figurando São Francisco de Assis no lado do Evangelho (dando acesso à Sacristia) e Santo António no lado da Epístola (dando acesso ao Convento) (Grilo, 2011). Nas paredes da igreja existem vestígios de pinturas decorativas, com motivos florais e vegetais, cuja datação pode ser dos séculos XVII-XVIII.

O claustro é de pequenas dimensões, idênticas às da igreja. De planta quadrada, tem dois andares, com colunas toscanas, arcadas de volta plena no primeiro piso e no segundo arquitrave horizontal muito moldurada (Branco, 1993). A sua construção é possivelmente posterior à da igreja, embora possa ter sido projectado ao mesmo tempo (Cabral, 1988, 45). Na sua concepção terá trabalhado sobretudo Manuel Pires (Cabral, 1988, 45 e 89).

NÚCLEO DAS CAPELAS

A norte da Quinta existem três capelas que constituem um espaço de retiro. Seguindo da esquerda para a direita, encontra-se primeiro uma Capela do século XVII, que tem a pedra de armas do arcebispo D. João Coutinho, arcebispo de Évora em 1636. Na sua fachada principal destaca-se o «portado de mármore azuis e brancos cortados em lisonja» (Espanca, 1957, 137).

A segunda Capela é gótico-manuelina e ostenta um «portal granítico de volta redonda» e um óculo⁶, sobre o qual se vê uma flor em relevo. O interior da capela tem abóbada de nervuras ogivais (Espanca, 1966, 349).

⁶ Maria Ramalho, 2017, in *Património Cultural* [<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>], consulta da 11/7/2017.

Mais à direita encontra-se uma capela de planta invulgar, construída entre as rochas, razão pela qual foi apelidada das *Penhas* – denominação que abrange igualmente uma construção contígua, denominada de gruta.

A Capela das Penhas é composta por três capelas, uma delas sem ligação com as restantes. As outras duas unem-se através de um corredor. Dessas duas destaca-se aquela que serve de entrada, com quatro absidíolos, que tem vestígios de pinturas murais. A outra é talvez a mais interessante pela cúpula em estuque formando um malmequer estilizado. Esta capela deve datar do século XVII, estando já em ruínas no ano de 1736. Foi reedificada por ordem do arcebispo D. Miguel de Távora (1683-1759), arcebispo de Évora desde 1741, que lá mandou colocar uma imagem de São Miguel (cf. Grilo, 2011).

Junto da Capela das Penhas fica uma fonte que estava originalmente no pátio do Paço (Espanca, 1957, 134; Espanca, 1966, 347).

Para a história do Convento nos Séculos XVII-XVIII

A Herdade da Mitra, apesar de ter bom acesso à água através da ribeira de Valverde, tornava-se insalubre no verão. A dada altura, devido à «malignidade dos ares originada da ribeyra» (Fonseca, 1728, 360), a comunidade religiosa transferiu-se para o Convento de Santo António da Piedade (Évora). Conta-se que houve então um milagre, pois «todas as noytes por maõ inivizível sè tocava o Sino, e se cantavaõ no Coro, ou pellos Anjos, ou pelos Religiosos defuntos, devotamente as Matinas (...)» (Fonseca, 1728, 360). Por vontade de D. Diogo de Souza, os frades regressaram ao Convento logo em 1610 (Fonseca, 1728, 360).

A Quinta de Valverde pouco sofreu com o Terramoto de 1755: «As ruinas que nesta freguezia se padecerão foy a maior em hum pedaço de parede que cahio sobre a capella mor». Em 1758, já tudo estava reedificado (*Memória Paroquial* de 1758, in Grilo, 2011).

DA ESCOLA AGRÍCOLA AO POLO UNIVERSITÁRIO

Desde 1834 que a Quinta perdeu o carácter conventual, devido à extinção das ordens religiosas, tendo nessa altura passado para a posse do Estado. Em 1848, ainda foi devolvida à Mitra Eborense, «por ser pertença desta e não dos frades (Rosa (2), 1965, 7). O Arcebispo Anes de Carvalho (1846-1859) frequentou-a, sendo depois transformada em seminário diocesano (1870) (Branco, 1993). Contudo, entrou em progressivo estado de abandono, que já estava consumado em 1901: «E tudo se foi perdendo; (...) as capelas artísticas, serviam de currais; uma, onde estava um apostolado em tamanho natural (...) abrigava, a última (...) o burrinho do caseiro (...)» (Pereira, 1934, 359).

No ano de 1911, a herdade voltou para o domínio do Estado e em 1915, aí se instalou um posto agrário (Dec. n.º 1703), extinto em 1920, quando se determinou que aí passasse a funcionar uma Escola Elementar de Agricultura (Pereira, 2006, 150-151). Esta abriu em 1921, com o nome de Escola Prática de Agricultura de Évora. Fizeram-se nesse ano «várias obras de beneficiação e adaptação» (Rosa (2), 1965, 8-9) e as actividades lectivas começaram em Fevereiro de 1922, tendo funcionado até 1932 (Rosa (2), 1965, 9).

Em 15 de Junho de 1931, foi criada a Escola de Regentes Agrícolas (Decreto n.º19908), com nível de ensino médio (Rosa (2), 1965, 13). O internato da Escola situava-se no Convento e, em 1934, pretendeu-se ampliar o edifício conventual. As obras foram iniciadas, mas logo interrompidas, optando-se antes por construir um novo espaço para o internato (Rosa (2), 1965, 14). Esse novo edifício surge numa fotografia de uma publicação de 1939 (s/a, 1939, 3-4) e corresponde àquele que actualmente se situa do lado de fora do antigo Paço, embora tenha sido depois remodelado.

Simultaneamente fizeram-se «várias obras de adaptação e melhoramento (...), construíram-se mais dependências, reconstituiu-se a profanada capela do convento que foi novamente entregue ao culto» (Rosa (2), 1965, 14). A Escola passou a ter casas para os alunos, professores e funcionários, assim como outros edifícios indispensáveis «à preparação dos futuros técnicos agrícolas» (cf. s/a, 1939, 4).

Será desta época a Casa Palmeiro, de dois pisos, hoje desabitada, que fica a noroeste do pátio, cuja aparência remete para uma tipologia próxima da “casa portuguesa” posta em voga nas primeiras décadas do século XX.

É importante chamar a atenção para o grupo de casas tradicionais alentejanas (Casas dos trabalhadores rurais), que ficam no lado norte do pátio, visto que são também um testemunho patrimonial. Uma delas apresenta ainda uma porta com arco ogival que poderá indicar, pelo menos nesse caso, uma fundação do início do século XVI.

Em 1940, a Herdade da Mitra voltou a propriedade Eclesiástica, o que fez suspender as obras em curso. O Estado iniciou o processo de compra, mas só em Março de 1962 foi assinada a escritura. Nesse ano, a capela e o claustro do Convento foram classificados como Imóveis de Interesse Público. No entanto, em 1965, fizeram-se novas «obras de adaptação dos edifícios existentes» (Pereira, 2006, 150).

O Instituto Universitário de Évora (Pereira, 2006, 150-151) foi criado em 1973 e a Escola de Regentes Agrícolas foi oficialmente incorporada na Universidade em 1980 (DL n.º 325/80). Em 1981, fez-se um Estudo Prévio de Ordenamento Paisagístico da Herdade da Mitra, com orientação do Arquitecto Paisagista Alexandre Cancela de Abreu em colaboração com o Arquitecto Paisagista Francisco Caldeira Cabral (Branco, 1993).

Desde 2010 (Portaria n.º 79/2010, DR, 2.ª série, n.º 17) foi alargada a classificação como Imóvel de Interesse Público à Quinta do Paço de Valverde, mata, várias pequenas capelas, Jardim de Jericó e lago, aqueduto, edificado no século XVII, todo o sistema hídrico, casa da água, jardim de buxo, horta e todos os muros e muretes que dividem e estruturam o sítio, enquanto parte integrante do convento, capela e claustro⁷.

A partir de 2011, o Colégio da Mitra e o do Bom Jesus de Valverde constituem, com a Herdade Experimental da Mitra e o seu complexo habitacional, o Polo da Mitra da Universidade de Évora, onde funcionam departamentos de Ciências Agrárias e Biologia e serviços de apoio (Leite, Oliveira, 2007-2011).

No mês de Agosto de 2016 lançou-se um concurso público para a requalificação do conjunto para acolhimento de unidade hoteleira. No dia 25 desse mês e ano, fez-se a assinatura do Memorando de Entendimento para a requalificação da Quinta ao abrigo do

⁷ *Herdade da Mitra* [<http://www.mitra-nature.uevora.pt/herdade-da-mitra>], consultada a 11/7/2017.

programa REVIVE, Valorização do Património para fins turísticos, entre a Universidade de Évora, o Turismo de Portugal, a Direcção-Geral do Património Cultural, a Direcção-Regional de Cultura do Alentejo e a Direcção-Geral do Tesouro e Finanças.

CONCLUSÃO

A Quinta de Valverde, incluindo tanto o Convento, como o Paço, o aqueduto, as capelas, a casa da água, e outras construções nela inseridas, é um lugar que deve ser preservado, e na medida do possível na sua totalidade. Mais especificamente, deve ser preservado o Convento, restaurando as zonas que necessitem.

No que respeita ao Paço Episcopal, julgamos que é de salvaguardar quer as fachadas e volumetrias de todas as casas em torno do Pátio, quer os interiores dos edifícios de maior valor histórico, quer os interiores dos restantes edifícios – por exemplo uma lareira de uma das casas de trabalhadores rurais. As Capelas, a Casa da Água, o Aqueduto, as fontes e os bancos deverão ser preservados e restaurados⁸.

BIBLIOGRAFIA:

BRANCO, Manuel José Calhau, «A Fundação da Igreja do Bom Jesus de Valverde e o Retábulo de Gregório Lopes», in *A Cidade de Évora*, n.ºs 71-76, 1988-1993, pp. 39-71.

BRANCO, Manuel (1993), «Quinta do Paço de Valverde/ Quinta do Convento de Bom Jesus de Valverde / Convento do Bom Jesus de Valverde», in *Monumentos.pt* [<http://www.monumentos.pt/>], consultada a 30/6/2017.

CABRAL, Marta Maria, *Bom Jesus de Valverde, Um Estudo da Igreja e do Claustro do Convento*, Porto, 1988 (Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica).

ESPANCA, Túlio, *Património Artístico do Concelho de Évora*, Évora, Câmara Municipal, 1957.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal-Distrito de Évora*, Vol. VII, Tomo I, Lisboa, 1966.

⁸ Acrescente-se que fomos informados pelo engenheiro Vicente Pereira que está em vias de aprovação um projecto da Universidade para a Quinta que inclui a recuperação do aqueduto.

FONSECA, Francisco da, *Évora gloriosa: Epílogo. Dos Quatro Tomos da Evora Illustrada, que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de JESU. Escrita, acrescentada, e amplificada pello P. Francisco da Fonseca da mesma Companhia*, Roma : Officina Komarekiana, 1728.

GRILO, Maria Ludovina B. (Transcrição), *Memória Paroquial de Nossa Senhora da Tourega*, 28/5/1758, ANTT, *Memórias Paroquiais*, vol. 37, nº 87, pp. 951-965. Disponível in «Évora - Nossa Senhora da Tourega», 17/2/2011, *Memórias Paroquiais 1758* [<http://portugal1758.di.uevora.pt/lista-memorias/52-evora/1301-evora-nossa-senhora-da-tourega>], consultada a 12/7/2017.

KUBLER, George, *A Arquitectura Portuguesa Chã*, Lisboa, Vega, 2005.

LEITE, Sílvia, OLIVEIRA, Catarina, 2007-2011, in DIDA/ IGESPAR.

MATOS, Fernando Mota de, «Convento do Bom Jesus de Valverde», in Álvaro Duarte de Almeida e Duarte Belo, *Portugal Património, Guia-Inventário*, Círculo de Leitores, 2006, p. 286.

MOREIRA, Rafael, «Arquitectura: Renascimento e Classicismo», in Paulo Pereira (Dir.), *História da Arte Portuguesa, Do “Modo” Gótico ao Maneirismo*, Vol. II, Temas e Debates, 1995.

OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de, *Arquitectura Portuguesa do tempo dos Descobrimentos, Assento de Prática e Conselho cerca de 1500*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004, 3 volumes (Dissertação de Doutoramento).

PACHECO, Ana Assis, «Arquitectura Franciscana Observante – a Ermida e o Tempietto do Cardeal Infante D. Henrique», in *El franciscanismo en La Península Ibérica. El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014), Actas III Congreso Internacional*, Córdoba, Ediciones El Almendro, 2010, pp.445-454.

PATROCÍNIO, Manuel F. S., «A História do Passal e Convento da Mitra», in *Revue - Revista da Universidade de Évora*, n.º 5, Ano III, Junho de 2006, pp. 144-149.

PEREIRA, Gabriel, *Estudos Diversos, Arqueologia, História, Arte, Etnografia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.

PEREIRA, Sara Marques, «Era uma vez na Mitra. Breve história da Escola de Regentes Agrícolas de Évora (1860-1974)», in *Revue - Revista da Universidade de Évora*, n.º 5, Ano III, Junho de 2006, pp. 150-152.

PROENÇA, Raúl, «Quinta da Mitra», in *Guia de Portugal*, II, *Extremadura, Alentejo, Algarve*, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927, p. 84.

ROSA (1), Augusto B. de Matos, «Pequena História da Herdade da Mitra - Actual Escola de Regentes Agrícolas de Évora», in *Lavoura Portuguesa*, n.º 4, Abril de 1965, pp. 21-25.

ROSA (2), Augusto B. de Matos, «Pequena História da Herdade da Mitra - Actual Escola de Regentes Agrícolas de Évora», in *Lavoura Portuguesa*, n.º 8, Agosto de 1965, pp. 7-15.

s/a, *Escola de Regentes Agrícolas de Évora*, Évora, 1939.

SANTOS, Reynaldo dos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, 1950.

SEGURADO, Jorge, *Francisco d'Ollanda*, Lisboa, Edições Excelsior, 1970.

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal, O Renascimento e o Maneirismo*, Presença, 2001.

SILVA, Nuno Miguel Maia da, *Claustros Serlianos em Portugal, 1558 –1635*, Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2012 (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, Domingos, *António Rodrigues. Renascimento em Portugal*, Porto, Dafne Editora, 2007.